

Produção de fotografxs fluminenses sobre raça, gênero, sexualidade e ancestralidade: um olhar preliminar¹

Bruna MÜLLER²

Carolina do VAL³

Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ

RESUMO

Este trabalho apresenta os primeiros dados e análises do projeto de pesquisa Visus Decoloniais, que busca mapear produções fotográficas de jovens artistas que discutem questões raciais, de gênero, sexualidade e ancestralidade no Estado do Rio de Janeiro. Com base em uma análise preliminar feita por meio de formulários de auto-apresentação e das próprias imagens, são caracterizadas e discutidas, com base em autores do pensamento descolonial, as estratégias visuais e expressivas utilizadas e as formas de endereçamento das narrativas visuais, que privilegiam, nesses olhares, as questões dos territórios periféricos, das culturas populares, das religiosidades afro-diapóricas, de raça e de gênero.

PALAVRAS-CHAVE: Fotografia contemporânea; mapeamento; produções emergentes; descolonialidade; diversidade.

Introdução

Nos campos da comunicação e da arte, as práticas e pesquisas envolvendo a fotografia vêm contribuindo para discutir o papel das imagens nos processos de

¹ Trabalho submetido ao IC07 - Comunicação, Espaço e Cidadania do XXVIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste será realizado de 1º a 3 de junho de 2023, na UFF - Universidade Federal Fluminense, Campus Gragoatá - Niterói/RJ.

² Graduanda do curso de Relações Públicas da FCS-UERJ e Bolsista Pibic-UERJ sob orientação do Prof. Fernando Gonçalves – FCS/PPGCOM-UERJ.

³ Graduanda do curso de Relações Públicas da FCS-UERJ e voluntária de IC/PR-2/UERJ sob orientação do Prof. Fernando Gonçalves – FCS/PPGCOM-UERJ.

recodificação visual de corpos racializados e dissidentes de gênero, de territórios, memórias e saberes populares, afro-diaspóricos e indígenas nos circuitos da arte e na cultura visual contemporânea (SALES, 2021).

Essas discussões não são novas, mas vêm alcançando grande visibilidade na atualidade. Não é por acaso, portanto, que fotógrafes e artistas visuais como Walter Firmo, Rosana Paulino, Ayrson Heráclito e também artistas mais jovens como Gê Viana, Hal Wildson, Uyra Sodoma venham obtendo tanto espaço no cenário artístico. Por outro lado, observamos jovens fotógrafes em todo o país que também vêm criando suas próprias narrativas e representações de si, do Outro e sobre os espaços em que vivem e as culturas das quais participam e que são pouco conhecidos.

Como um recorte de observação da produção desses fotógrafes, nosso foco de atenção aqui serão aqueles atuantes no Estado do Rio de Janeiro, através da pesquisa “Mapeamento da produção de fotógrafos contemporâneos do Estado do Rio de Janeiro sobre temáticas de raça, gênero, sexualidade e ancestralidade”⁴, com apoio da Faperj. A pesquisa, iniciada efetivamente em outubro de 2021, visa mapear e analisar práticas de jovens fotógrafes e/ou coletivos que atuem em pelo menos uma das áreas temáticas da pesquisa, podendo ou não ter reconhecimento na mídia, na academia e no circuito da arte, mas que tenham uma trajetória consistente e contribuições reconhecidas por seus pares e em seus espaços de inserção individual e coletiva. A pesquisa busca também dar visibilidade a esses fotógrafes através de um perfil próprio no Instagram, e posteriormente, de um site, exposições e eventos online e presenciais.

O presente trabalho traz dados parciais e análises preliminares da etapa inicial do mapeamento e da montagem do perfil @visusdecoloniaisRJ, que atualmente traz alguns des fotógrafes já mapeados e algumas das produções encaminhadas ao perfil do projeto no Instagram.

Metodologia

⁴ O projeto tem duração de dois anos, é coordenado pelo Prof. Fernando Gonçalves e faz parte de uma pesquisa mais ampla conduzida pelo mesmo no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UERJ, com apoio do CNPq, intitulada Fotografia contemporânea e as políticas da alteridade na perspectiva descolonial.

Na fase inicial da pesquisa fazemos uma busca ativa por produções de jovens artistas e/ou coletivos no Instagram e ou em perfis de projetos parceiros. Ao serem localizadas, todes são convidadas a preencher um formulário do Google que coleta dados de perfil, de atuação, localização e de produção em acordo com os objetivos da pesquisa e divulgado pelas redes sociais do projeto e de seus parceiros⁵.

Os dados gerados pelo formulário nos trazem dados quantitativos que nos ajudam a caracterizar o perfil dos fotógrafes e o de suas produções. Para complementar esses dados, fazemos também uma análise qualitativa, uma vez que uma das principais contribuições do projeto é analisar as funções, as narrativas e as mediações visuais que as imagens realizam na vida social, relativamente às temáticas abordadas.

Para essas análises nos apoiamos em autores como Stuart Hall (2016), Nicholas Mirzoeff (2011), Ariella Azoulay (2015) e Christian Leon (2019), que consideram, em uma perspectiva descolonial, que as imagens fotográficas têm se ocupado historicamente de fundar e ordenar imagens do Outro, criando padrões de reconhecimento e controle que legitimam desigualdades, exclusões e violências, mas também podem promover rupturas com essas formas de dominação.

Primeiros resultados e análises

Do ponto quantitativo, foram mapeados até o momento 26 fotógrafes e 8 coletivos. Partindo da mostra inicial de 17 fotógrafes que até o momento enviaram o formulário do Google, temos que 23,5% iniciaram suas produções a partir de 2019, mas 47% iniciaram antes de 2015, o que demonstra que boa parte conta com um tempo de atuação considerável, não sendo, portanto, necessariamente iniciantes. Por meio dos relatos de auto-descrição, foi possível observar a esse respeito que alguns deles fizeram formação em fotografia em projetos sociais, escolas ou cursos dentro de suas comunidades e que muitos atuam profissionalmente com fotografia e na área do audiovisual e que alguns participam de grupos e movimentos populares e sociais, inclusive ligados à fotografia.

⁵ Projeto Olhos Negros (UFRN), Labfoto (UERJ), Projeto Midiateca (ECO-UFRJ).

Já as principais regiões de atuação são: capital (35,3%), região metropolitana (35,3%) e centro sul-fluminense (23,5%) e norte fluminense (5,9%), o que demonstra uma distribuição considerável dos fotógrafos por todas as regiões do estado. Do ponto de vista da produção, 76,5% têm a fotografia como mídia principal, embora as combine com outras mídias e linguagens (vídeo, instalação e performance – 11,8%); 100% trabalham com o digital e 23,5% afirmaram trabalhar também com o analógico. As principais temáticas abordadas são raça (76,5%), territorialidade (70,8%), memória e ancestralidade (70,8%), gênero (41,25%) e sexualidade (23,5%). Registros documentais são a principal forma de abordar os temas para 76,5%, seguidos de combinações entre mídias e linguagens (47,1%), usos de imagens de arquivo (41,2%) e registros de performances (11,8%). O Instagram é a principal plataforma de difusão das imagens para 94,1%, seguido do Youtube (17,6%).

A presença de imagens que discutem a racialidade, os territórios, a memória e ancestralidade, é consistente com o perfil de parte dos fotógrafos, que são negres e/ou vivem em espaços da periferia e de favelas e também inseridos em movimentos de cultura popular ou de religiões afro-brasileiras, embora muitos sejam também pesquisadores e artistas que trabalham há mais tempo com esses temas. Isso talvez ajude a entender os tipos de representação de paisagens, formadas majoritariamente por cenas de rua, das arquiteturas de casas, de cenas de festas, do cotidiano urbano e nas favelas, e também os tipos de retratos produzidos, que vão desde a documentação de ações de moradores em atividades comuns ou em eventos até fotos frontais posadas, onde práticas cotidianas, espaços, cor da pele e gênero parecem ser acionadas como parte de uma narrativa de pertencimento e de empoderamento.

Essas imagens possuem, segundo os dados do formulário, determinadas funções, como: ampliar horizontes e romper com os perigos das narrativas únicas; construir imaginários sobre modos de ser; pensar os modos de vida urbanos; produzir um olhar local sobre o território; servir aos direitos humanos e à cidadania; resgatar a cultura e a memória negras; causar impacto sobre questões sociais, raciais, ancestrais e ambientais; promover o direito à cidade; promover a conexão com a ancestralidade, a religiosidade

e o auto-cuidado da comunidade negra; contribuir para a construção da memória coletiva das comunidades populares; e mudar a percepção que se tem das favelas.

Com base nesses dados parciais preliminares, é possível observar o papel fortemente político da imagem fotográfica para esses artistas, que, sobretudo através da construção de paisagens e de retratos, constroem narrativas baseadas em conhecimentos “situados” (HARAWAY, 2009), que tem relação e comprometimento direto com a experiência de um lugar, de um grupo, de um povo. Falamos construção porque, apesar de maior parte das imagens ter caráter documental, não se trata simplesmente de reproduzir o que se vê, mas de produzir uma certa imaginação com e sobre pessoas, espaços e objetos, ou seja, de seleciona-los, organiza-los e mostra-los de determinados modos e com funções específicas.

Além disso, observando algumas das imagens, vemos que os motivos, os pontos de vida, os enquadramentos, o uso das cores são elementos parecem estar a serviço de narrativas visuais que constroem uma visão bastante complexa desses cotidianos, espaços, modos de vida e personagens, de maneira a colocar em cena e afirmar determinadas experiências e visões de mundo que compõem aquilo que Mogobe Ramose (2011) chamou de pluriversalidade, diversidade dos seres e modos de vida, onde as particularidades, vivências e seus sentidos são reconhecidas e compartilhados.

É essa pluriversalidade que sobressaiu aos nossos olhos nesse primeiro momento da pesquisa e que nos faz pensar se não estaríamos de fato diante daquilo que Christian Leon (2019) considera como lugares de enunciação que participam de processos de rearticulação das formas de representação visual no contexto das necessárias revisões dos processos coloniais na América Latina.

Considerações finais

Diante dessas análises iniciais, podemos lançar a hipótese de que as representações visuais criadas por esses fotógrafes seriam formas auto-reflexivas de mediar e de recodificar realidades que têm sido estereotipadas pela mídia, pelas redes sociais ou por relatos científicos que povoam nossa cultura visual e nossos imaginários, onde há uma tendência a se normatizar, classificar e subalternizar as diferenças que não



se encaixam nos modelos culturais e subjetivos dominantes (MIRZOEFF, 2011). Nesta direção, nos interessa investigar se seria possível considerar que essas imagens estão produzindo intervenções em nossa cultura visual (AZOULAY, 2015) e em seus padrões dominantes de imaginação de corpos, espaços, memórias e saberes subalternizados, através da produção de outras percepções e políticas de representação dos mesmos (HALL, 2016). Nossa aposta é que se trata, nesse caso, de imaginar e criar narrativas “situadas” (HARAWAY, 2009), que fazem ressoar outros pontos de vista, outras perspectivas sobre corpos, espaços e saberes violentados e invisibilizados ao longo de nossa história, a partir de uma experiência local e vivida “de dentro”.

REFERÊNCIAS

AZOULAY, Ariella. **Civil Imagination: a political ontology of photography**. London and New York: Verso, 2015.

HALL, Stuart. **Cultura e representação**. Trad. Daniel Miranda e William oliveira. Rio de Janeiro: Ed. PUC- Rio/Apicuri, 2016.

HARAWAY, Donna. La promesa de los monstrous. Una politica regeneradora para otros inapropiados/bles. *Política y Sociedad*, n.30, Enero de 1999.

_____. (2009) Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. **Cadernos Pagu**. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/1773>. Acesso em 14/03/2023.

LEON, Christian (2019). Imagem, mídias e telecolonialidade: rumo a uma crítica decolonial dos estudos visuais. **Epistemologias do Sul**. Disponível online: <https://revistas.unila.edu.br/epistemologiasdosul/article/view/2437>. Acesso em 14/03/2023.

MIRZOEFF, Nicholas. *The right to look: a counterhistory of visuality*. Durhan & London: Duke University Press, 2011.

QUIJANO, Anibal. Colonialidade do poder, Eurocentrismo e América Latina. In **CLACSO. Colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais**. Perspectivas latino-americanas, 2005. Disponível em: http://biblioteca.clacso.edu.ar/clacso/sur-sur/20100624103322/12_Quijano.pdf. Acesso em 06/04/2023.



INTERCOM Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
26º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste – Niterói/RJ – 01 a 03/06/2023

RAMOSE, Mogobe. Sobre a Legitimidade e o Estudo da Filosofia Africana. **Ensaios filosóficos**. Disponível online: http://www.ensaiosfilosoficos.com.br/Artigos/Artigo4/Ensaios_Filosoficos_Volume_IV.pdf. Acesso em 09/04/2023.

SALLES, Michele (2021). Nossos Fantasmas Estão Vindo Cobrar: Giro Decolonial na Arte Contemporânea Brasileira. In **Revista de Cultura Visual**. Disponível online: <https://revistavista.pt/index.php/vista/article/view/3641>. Acesso em: 09/04/2023.